

# Três maneiras de usar *La Misère du monde*, de Pierre Bourdieu

João Queirós

*O contexto é oferecido por mais uma sessão do Seminário que, semana sim, semana não, acompanha o desenvolvimento da unidade curricular de Projeto, uma unidade curricular anual do segundo ano do Mestrado em Educação e Intervenção Social da Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto.<sup>1</sup> Estamos no ano letivo de 2021-2022 e as estudantes da especialização em Desenvolvimento Comunitário e Educação de Adultos – dezanove, no total, todas mulheres, a maioria profissionais da intervenção social e educativa, as restantes estudantes a tempo inteiro ou profissionais de outras áreas – concretizam nesta altura o sempre desafiante processo de “integração” nos contextos que selecionaram para desenvolvimento dos respetivos projetos de investigação-ação. Impõe-se-lhes, portanto, neste momento, entre várias outras tarefas, a concretização de contactos os mais diversos com as entidades e os agentes locais considerados relevantes, a determinação dos requisitos administrativos e outros necessários à viabilização do acesso e da presença e intervenção continuada nos contextos, a recolha de informação de enquadramento a partir da mobilização de fontes secundárias, a paulatina “ambientação” às circunstâncias concretas da vida local e ao perfil e características dos seus diferentes protagonistas e a consolidação progressiva de um quadro teórico-metodológico de referência que, associado a um quadro lógico de ação, seja capaz de carrilar a concretização do projeto, a começar pelo (sempre inacabado) trabalho de “caracterização e análise da realidade”.*

<sup>1</sup> Este texto reproduz e amplia os termos fundamentais da comunicação que apresentei na terceira sessão do *Ciclo de Conferências “Bourdieu e os Seus Livros”*, que o Instituto de Sociologia da Universidade do Porto organizou, na FLUP, no dia 14 de julho de 2022. Agradeço a Virgílio Borges Pereira a coordenação e dinamização deste Ciclo de Conferências, bem como o convite para participar nesta sessão, dedicada à discussão do livro *La Misère du monde*. Agradeço também a Inês Brasão a oportunidade de reflexão e aprendizagem que a sua participação nesta iniciativa me ofereceu.

*Nesta sessão do Seminário, dedicada precisamente à apresentação e discussão de modalidades ativas e participadas de recolha e tratamento de informação de caracterização dos contextos e seus protagonistas, cabe-me organizar e lançar o trabalho a desenvolver pela turma. Desafiado por uma colega que, comigo e outros docentes, partilha a responsabilidade pela dinamização destas aulas, decido usar La Misère du monde como referência e ponto de partida. Nenhuma das estudantes que ali está desconhece o nome de Pierre Bourdieu e deste seu livro. Com efeito, mesmo que cheguem ao Mestrado em Educação e Intervenção Social da ESE do Porto sem nunca terem ouvido falar deste sociólogo – o que acontece, por vezes, com estudantes provenientes de outras instituições de ensino superior e/ou de áreas de formação mais afastadas dos referenciais das ciências sociais –, certos conteúdos propostos em unidades curriculares do primeiro ano do curso possibilitam o contacto com argumentos – de âmbito epistemológico e metodológico, designadamente – avançados (não apenas, mas também) em La Misère du Monde (eu próprio me dedico a assegurar que isto é assim...). Não obstante, o mais provável é que a generalidade das estudantes presentes desconheça os excertos selecionados para leitura e discussão em aula. Estes são disponibilizados à turma para leitura prévia, mas é reservado algum tempo da sessão de quatro horas com intervalo para que possa ser realizada uma (re)leitura em sala, individualmente ou em pequeno grupo, antes da evidenciação dos principais resultados desse exercício e da promoção de um momento de debate em grande grupo.*

*Não é a primeira vez que promovo um exercício como este, mas é a primeira vez que o faço com esta turma. Considerando a presença maioritária de profissionais de educação (educadoras sociais, professoras, formadoras) e o número considerável de projetos em desenvolvimento em contextos educativos formais ou não-formais, opto por excertos de La Misère du monde relacionados com o fenómeno escolar e a intervenção socioeducativa em escolas. Dois dos quatro textos selecionados são da autoria de Sylvain Broccolichi – “Um paraíso perdido”, que inclui excertos de uma entrevista com três estudantes de uma escola secundária dos subúrbios de Paris, e “Uma relação de força”, que assenta na exploração do conteúdo de uma entrevista realizada com uma professora a braços com um quotidiano escolar especialmente exigente; o terceiro é da autoria de Gabrielle Balaz e Abdelmalek Sayad – “A violência da instituição”, baseado numa entrevista a um diretor de uma escola de uma “zona de educação prioritária” (em Portugal, chamar-lhe-íamos um “território educativo de intervenção prioritária”); o quarto é o texto de Charles Soulié, intitulado “Um sucesso comprometedor”, cujo conteúdo se desenvolve a partir dos resultados de uma entrevista com uma*

*(desgastada) professora primária de “crianças pobres”. Na aula, mas para leitura posterior, é ainda fornecido o texto “O espaço dos pontos de vista”, um dos textos com que Bourdieu abre La Misère du monde.<sup>2</sup>*

*Com a leitura e discussão destes textos – realizadas, num primeiro momento, no seio dos quatro grupos de menor dimensão pelos quais se distribuem as dezanove estudantes e, num segundo momento, em grande grupo, incluindo também docentes (estes seminários contam quase sempre com a presença simultânea de três ou quatro docentes orientadores de projetos) –, trata-se menos de apresentar e explorar os conteúdos de uma “lição” sobre métodos e técnicas de investigação social – que estudantes (e docentes) certamente achariam redundante nesta fase do percurso –, e menos ainda de revisitar a “teoria da reprodução” à luz do quadro desenhado pela “massificação escolar” e pela suposta “crise” do modelo da “escola republicana”, e mais de tomar estes textos como expressões, ilustradas na primeira pessoa, de “casos particulares do possível” – para recorrer à expressão tantas vezes mobilizada por Bourdieu –, isto é, como traduções escritas de facetas de realidades particulares que ajudam a revelar e a escrutinar aspetos das relações sociais e, enfim, aspetos do funcionamento das engrenagens do universo educativo (e do mundo social em geral) com que muitas destas estudantes lidam quotidianamente.<sup>3</sup>*

*Não surpreendentemente, a intervenção que abre o debate em grande grupo é de uma experiente professora do ensino básico e secundário (a caminho de se tornar também educadora de adultos com escassas qualificações e baixas competências de literacia), para quem o que acaba de ler é “exatamente” aquilo que “sente” e*

<sup>2</sup> Ainda que na aula a que aqui faço menção (bem como na maioria das vezes em que decido usar este livro no quadro das minhas atividades letivas) tenha mobilizado excertos da 7.ª edição de *A Miséria do Mundo*, versão do original francês publicada no Brasil pela editora Vozes (Petrópolis, 2008), a versão da obra que habitualmente uso a título pessoal, e que tomei como referência na elaboração deste texto, é a edição de bolso (?!), elaborada a partir da edição original de 1993, que as Éditions du Seuil deram à estampa em janeiro de 2007.

<sup>3</sup> Cito, a propósito, uma frase de Bourdieu que uso frequentemente como mote no lançamento das atividades letivas de uma outra unidade curricular que leciono desde sempre na Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto (“Estudos Comunitários”):

Toda a minha actividade científica se inspira, com efeito, na convicção de que não podemos apreender a lógica mais profunda do mundo social a não ser mergulhando na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada, mas para a construir como “caso particular do possível!”, segundo as palavras de Gaston Bachelard, quer dizer, como um caso que figura num universo finito de configurações possíveis (Bourdieu, 2001a, p. 4).

*com que contacta diariamente na escola pública em que trabalha.<sup>4</sup> A nota pessoal, sublinhada por acenos de cabeça favoráveis de duas ou três colegas que “sabem” do que a primeira “está a falar”, é então pretexto para uma discussão que rapidamente transcende a expressão de um “estado de alma” individual (ou de classe profissional), trazendo à colação tópicos e dimensões de análise abordadas de forma bastante menos individualizada e impressionista: a persistência de situações de pobreza e exclusão social nas famílias e comunidades e a sua repercussão insidiosa no dia-a-dia da escola pública; a inconsistência e insuficiente suporte institucional e financeiro de muitas medidas de política educativa direcionadas para a promoção da “inclusão”; a tensão gerada pelo conflito entre a exigência de resultados e a insuficiência de recursos; a distância entre cultura escolar e cultura de origem de muitas crianças e famílias, num quadro de ampliação da diversidade social e cultural no seio da escola; a segregação e estigmatização de que são objeto certos grupos de estudantes (e até turmas, escolas e fileiras académicas inteiras); a insuficiente, e por vezes difícil, articulação entre corpo docente e profissionais do trabalho social; a consolidação de um “mal-estar docente” tendencialmente desmobilizador (e até paralisante), nascido do desgaste (mas também da impreparação para lidar) com as múltiplas expressões do “mal-estar discente” de que a escola pública é cenário...*

## Um relevante recurso didático

Li *La Misère du monde* relativamente tarde – na verdade, quinze anos depois da sua publicação original em França. Já me havia passado pelas mãos a versão original do livro disponível na biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, mas só li e comecei a usar a obra em 2008, quando adquiri a versão de 1.460 finas páginas publicada no ano anterior pelas Éditions du Seuil. Só nesta altura conheci também melhor o “Bourdieu intelectual público”, o “Bourdieu dos movimentos sociais”, aquele a quem, a dado momento, alguns terão inclusive passado a

<sup>4</sup> Cf. a seguinte afirmação: [E]m que consiste este trabalho de revelação: em expor – era essa uma das intenções tradicionais da filosofia – as coisas que, de uma certa forma, toda a gente sabe, mas que se situam a um nível de profundidade onde já não vamos procurar. Eu poderia empregar, para fazer compreender aquilo que tenho para dizer em sociologia, a parábola de Sócrates e do pequeno escravo: considero que o sociólogo é alguém que, à conta de um trabalho de investigação, de interrogação, utilizando meios, técnicas modernas, dá aos outros algo que eles sabem sem o saber (Bourdieu, 2004, pp. 14-15).

chamar “sociólogo do povo”.<sup>5</sup> Sei que, para alguns membros da minha geração de sociólogos, a entrada no universo bourdieusiano se fez por via da leitura de *La Misère du monde*, geralmente precedida ou sucedida da leitura dos dois tomos de *Contre-feux* (traduzidos e publicados em Portugal pela Celta Editora entre o final do século XX e o início do século XXI). Para mim, todavia, até 2008, o Bourdieu que eu “conhecia”, e com o qual “lutava”, era sobretudo o Bourdieu analista da escola e das desigualdades educativas (*Les Héritiers, La Reproduction*), o Bourdieu epistemólogo e metodólogo (*Le Métier de sociologue, Réponses*), o Bourdieu estudioso do Estado e das relações de poder (*Raisons pratiques, O Poder Simbólico*), o Bourdieu investigador das diferenciações sociais e dos *habitus*, relações e trajetórias de classe (*La Distinction, Le Bal des célibataires*).<sup>6</sup>

<sup>5</sup> É com recurso a esta expressão, proposta não sem certa ironia, que Alain Touraine intitula um pequeno texto de balanço do legado intelectual de Pierre Bourdieu. Nele, Touraine (2012) evidencia a surpresa com que observou a alteração do estatuto conferido a Bourdieu a partir do inverno de 1995, quando o autor de *La Misère du monde* se dirige à Gare de Lyon, em Paris, para manifestar o seu apoio aos trabalhadores ferroviários em greve. A partir desse momento, Bourdieu tornar-se-á, para muitos, o “sociólogo do povo” (entre aspas e em itálico no texto de Touraine). Pelo contrário, o próprio Touraine – à época, talvez o mais renomado estudioso francês dos movimentos sociais – será “violentamente atacado” por alguns dos “amigos de Bourdieu”, por ter tomado uma “posição diferente” a propósito daquele conflito (Touraine, 2012, p. 101). Para Touraine, a transformação subsequente de Bourdieu numa referência da “luta antimundialização” surpreende: i) pela contradição que aquele sociólogo considera existir entre a sociologia (e a crítica) do Estado (e da “nobreza do Estado”) proposta anteriormente por Bourdieu e as posições que este passa a assumir a partir de meados dos anos 1990, de defesa inflexível do Estado e do setor público, vistos, afinal, como únicos garantes do “universal”, do interesse geral, em face dos efeitos da mundialização neoliberal; e ii) pela ausência no sistema de pensamento construído por Bourdieu (uma crítica feroz da modernidade, típica dos “intelectuais do pós-guerra”, apresentada “sob o ângulo único da dominação”) de ferramentas para pensar as contradições, as aberturas, as possibilidades de ação e o papel dos movimentos de emancipação social (Touraine, 2012, pp. 101-102).

<sup>6</sup> Devo a entrada neste universo sociológico e a leitura de muitos destes livros aos incentivos dados pelo currículo da licenciatura em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que frequentei entre 2000 e 2005, e, sobretudo, à ação de diversos docentes do curso, de que destaco João Teixeira Lopes, Isabel Dias, Dulce Magalhães e, claro, Virgílio Borges Pereira. A minha integração, depois da conclusão da licenciatura, como investigador bolseiro, na equipa do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto que, entre 2006 e 2008, sob a coordenação de José Madureira Pinto, promoveu a revisitação sociológica de Fonte Arcada, Penafiel, retomando as preocupações dos estudos seminais realizados nesta coletividade local por aquele sociólogo e por João Ferreira de Almeida, ofereceu-me a oportunidade de (re)ler e aprofundar o estudo da obra de Bourdieu e dos trabalhos de muitos dos seus colaboradores, em especial dos trabalhos sobre epistemologia e metodologia das ciências sociais, diferenciações sociais e relações de classe e modalidades de relação com a escola e a escolarização em meios populares (ver, a propósito, Pinto, 1985; Almeida, 1986; Pinto e Queirós, 2008; 2010a; e Almeida e Pereira, 2021; ver também o número 24 da revista *Cadernos de Ciências Sociais*, organizado por José Madureira Pinto, Loïc Wacquant e Virgílio Borges Pereira e publicado em dezembro de 2007, sob o título geral “Génese e Legado da Obra de Pierre Bourdieu. Espaço, Cultura e Dominação”).

À distância de outros quinze anos, estou em crer que 2008 foi o ano certo para ler e estudar devidamente *La Misère du monde*. Reuniam-se nessa altura “condições sociais e teóricas” favoráveis a uma mais profícua apropriação da obra: estava a investigar a tempo inteiro, “navegando” entre projetos muito estimulantes e exigentes teórica e analiticamente (o término da revisitação sociológica de Fonte Arcada, o arranque de uma investigação de grande escala sobre “ilhas, bairros sociais e classes laboriosas na cidade do Porto”); integrava um grupo de investigação intergeracional e pluridisciplinar, para o qual a obra de Bourdieu constituía referência central, mas não hegemónica; retomava o estudo académico dos clássicos (“antigos” e “modernos”) da sociologia (o ano letivo de 2007-2008 correspondeu à parte curricular do meu curso de doutoramento<sup>7</sup>); conseguia ver de forma progressivamente mais nítida a heurística da abordagem e o poder explicativo de muitos dos conceitos e argumentos propostos por Bourdieu, à medida que testava, em diferentes terrenos, a respetiva aplicação.

Quando terminei de ler *La Misère du monde*, compreendi a força e o alcance potencial daquele trabalho... e fiquei convicto da vantagem de não o ter lido antes de 2008. Concordando embora que este livro possa constituir, sob certas condições, uma excelente porta de entrada no universo bourdieusiano, pareceu-me também que uma sua leitura e mobilização descontextualizadas – isto é, realizadas sem conhecimento do conjunto da obra e sem alguns anos prévios de estudo e mobilização do pensamento de Bourdieu – comportam riscos que não devem ser desconsiderados. Voltarei mais à frente a esta ideia.

<sup>7</sup> Depois de concluída a parte curricular do meu curso de doutoramento, em 2007-2008, suspendi o arranque da investigação de terreno que me propunha realizar, para me dedicar integralmente ao desenvolvimento das exigentes atividades investigativas associadas à concretização do projeto, que integrei como bolsheiro de investigação, sobre “ilhas, bairros sociais e classes laboriosas na cidade do Porto” (ver Pereira e Queirós, 2009; 2012). Depois de retomar a realização do doutoramento, no início de 2010, no registo tipicamente mais solitário da “bolsa individual de doutoramento da FCT”, senti muitas vezes a falta do ambiente estimulante e do debate coletivo característicos das aulas de 2007-2008. Para além de ter integrado uma turma diversa, experiente, motivada e participativa, tive oportunidade de frequentar nesse ano um seminário de especialização científica, dinamizado por Virgílio Borges Pereira, e dedicado à temática geral das “recomposições sociais e territórios”, estruturado em torno do pensamento e da obra de Pierre Bourdieu. E beneficiei ainda da participação num extraordinário espaço de reflexão e debate sobre “teoria sociológica aprofundada” dinamizado por António Teixeira Fernandes – naquele que foi o seu último ato oficial docente antes da jubilação –, que me permitiu desconstruir ideias feitas sobre certos autores e alargar o leque de referências teóricas a mobilizar na investigação que então fazia e na investigação que subsequentemente haveria de fazer.

Algo que me pareceu evidente ao cabo desta primeira leitura foi o elevado potencial de *La Misère du monde* enquanto recurso didático a mobilizar na formação de futuros sociólogos e, mais ainda, na formação de outros estudantes e profissionais das humanidades, das ciências sociais e educacionais e das diversas disciplinas relacionadas com a intervenção social e educativa. Creio que o exemplo a que faço alusão no preâmbulo deste texto é suficientemente elucidativo disto mesmo. Desde 2011, aliás, quando iniciei a minha atividade docente na Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto, que uso regularmente *La Misère du monde* como recurso para a exploração de diversos conteúdos programáticos, o apoio ao desenvolvimento de tarefas individuais e coletivas relacionadas com as atividades de avaliação de uma ou outra unidade curricular e a discussão de aspetos relevantes relativos a epistemologia e metodologia da investigação (e da intervenção) social e educativa.

No que respeita à exploração teórica e à ilustração empírica de certos temas e conteúdos programáticos, tem acontecido com frequência sugerir às estudantes a leitura dos textos incluídos nas secções encimadas pelos artigos "*Effets de lieu*" e "*La démission de l'État*" (que são aquelas, de resto, a que mais recorri no quadro das iniciativas de investigação em que participei ao longo da segunda década do século XXI). Estas secções de *La Misère du monde* incluem, para além dos textos citados (verdadeiras sinopses de programas de pesquisa, como sublinharei mais à frente), artigos de autores absolutamente incontornáveis nos estudos urbanos, como Loïc Wacquant ("*The Zone*") e Philippe Bourgois ("*Homeless in El Barrio*"), e textos, ora mais "teóricos", ora mais "empíricos", que se apresentam sem dúvida aptos a instigar uma (auto-)sócio-análise e a fazer problematizar e repensar a ação estatal e a intervenção social e comunitária (destaco, em especial, os textos "*Porte-à-faux et double contrainte*", de Pierre Bourdieu e Gabrielle Balazs, "*La vision d'état*", de Patrick Champagne, e "*La police des pauvres*", de Remi Lenoir). São textos que tenho mobilizado quer no tratamento de conteúdos em unidades curriculares em que são abordados temas relativos à construção, funcionamento e efeitos da atuação do Estado-Providência e das políticas sociais, quer, sobretudo, na formação avançada e especializada de profissionais da intervenção social e comunitária – que dificilmente deixam de se envolver nos (auto)questionamentos sobre o exercício das respetivas atividades que estes textos suscitam.

O tratamento de temas relativos ao fenómeno escolar, novamente em contextos de formação avançada e especializada de profissionais e futuras profissionais da intervenção socioeducativa, mas também em unidades curriculares de cursos de licenciatura, nas áreas da sociologia da educação, das políticas educativas e da educação de adultos, tem suscitado também a

mobilização ocasional de textos da secção de *La Misère du monde* introduzida pelo artigo “*Les exclus de l’intérieur*”, de Pierre Bourdieu e Patrick Champagne, bem como um ou outro texto da secção seguinte, que Pierre Bourdieu abre com o artigo “*Les contradictions de l’héritage*” (veja-se, a propósito, a seleção de textos mobilizada na aula a que o preâmbulo deste texto se refere).

Os textos incluídos em *La Misère du monde* servem também, não raras vezes, como inspiração e ilustração de modos de concretizar tarefas individuais e coletivas associadas à realização de pequenos trabalhos de avaliação ou à redação de elementos a incluir em relatórios de investigação ou de projeto. A lógica que preside à construção de muitos dos artigos deste livro coordenado por Pierre Bourdieu – com a apresentação de sínteses teóricas e analíticas sobre cada tema/caso, a que sucedem excertos relevantes da entrevista ou entrevistas realizadas (um exemplo, que já forneci como documento de apoio à realização de tarefas deste tipo, é o texto de Alain Accardo, intitulado “*Le destin scolaire*”), ou a conjugação de um texto de apresentação do tema/caso com um texto de aprofundamento analítico, entrecortada por excertos de entrevista (é o caso, por exemplo, do artigo de Frédérique Matonti, “*La déception*”, sobre uma militante da *Front national*) – funciona como referência para o tratamento e análise de resultados de pequenos estudos de caso baseados naquela técnica de recolha de dados e para o desenvolvimento de formas menos descritivas e impressionistas, e analiticamente mais suportadas e interessantes, de apresentação de relatos de trajetórias e experiências sociais de agentes contactados e auscultados individual ou coletivamente no âmbito de exercícios de investigação de terreno.

A mobilização de *La Misère du monde* como recurso didático ocorre também – e, neste caso, com bastante frequência – quando incorporo, em momentos de reflexão e discussão em sala de aula ou como referência bibliográfica a consultar no quadro do estudo autónomo das estudantes, alguns dos artigos do livro de cariz mais orientadamente epistemológico e programático. Refiro-me, em particular, ao já mencionado “*L’espace des points de vue*”, com que Bourdieu abre o volume, e aos textos com que o coordenador da obra a encerra: o pequeno tratado de epistemologia e metodologia bourdieusiana que é “*Comprendre*” e o “*Post-scriptum*” em que o autor reflete sinteticamente sobre as relações entre prática científica e política democrática.<sup>8</sup>

<sup>8</sup> No caso destes textos, uso quase sempre as versões em português do Brasil contidas em *A Miséria do Mundo* (ver nota 3), tentando assim favorecer a sua leitura por estudantes que, de ano para ano, me parecem menos familiarizadas com a língua francesa.

## Um manual de epistemologia das ciências sociais (sem o ser)

“Comprendre” é talvez o texto de *La Misère du monde* que mais frequentemente uso. Ele pode figurar como leitura principal ou complementar de aulas dedicadas à exploração de tópicos de epistemologia das ciências sociais – como quando introduzo a noção de “objetivação participante” ou discuto as ideias de “poder”, “hierarquia” e “violência simbólica” em relações (sociais) de investigação – ou aparecer como elemento bibliográfico de suporte de momentos letivos ou de acompanhamento de trabalhos individuais ou de grupo dedicados especificamente à discussão de aspetos metodológicos relacionados com a condução de “estudos de caso” ou de modalidades de pesquisa de terreno assentes na técnica da entrevista.

Neste texto, que Bourdieu coloca no final do livro, e a que sucede um interessante aprofundamento empírico e analítico intitulado “*L’interrogatoire*”, escrito com Gabrielle Balazs e dedicado à apreciação crítica da lógica que preside à condução, pela administração estatal ou por entidades mobilizadas em seu nome, de “inquéritos administrativos” – lógica considerada antitética da lógica da “objetivação participante” proposta em *La Misère du Monde* –, o sociólogo francês apresenta uma síntese das suas proposições epistemológicas fundamentais e reconduz a estas a superação dos problemas que tipicamente estão associados à realização de pesquisas baseadas em entrevistas. É também aqui que Bourdieu sublinha a importância do (re)conhecimento dos conceitos e adquiridos teóricos (que admite mais implícitos do que explicitados) em que assenta o trabalho de investigação apresentado nas páginas precedentes de *La Misère du monde*, ao mesmo tempo que propõe que só uma “reflexividade reflexa” fundada sobre um “ofício”, isto é, nascida da experiência sociológica teoricamente suportada, continuada no tempo e (auto)criticamente (re) apreciada, pode garantir a consecução das condições de percepção e controlo, “no campo”, no momento da respetiva instanciação, dos condicionamentos que a estrutura social no quadro da qual decorre a entrevista a esta impõe.<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Cf. a seguinte afirmação de Bourdieu:

Mesmo que a relação de investigação possa distinguir-se da maioria das interações quotidianas por atribuir a si mesma finalidades de puro conhecimento, ela permanece, seja o que for que façamos, uma *relação social* que exerce efeitos (variáveis consoante os diferentes parâmetros que a possam afetar) sobre os resultados obtidos. (...) Só a reflexividade, que é sinónimo de método, mas uma *reflexividade reflexa*, fundada sobre um “ofício”, um “olho” sociológico, permite perceber e controlar *no campo*, na própria

Ora, aqui está precisamente o argumento de suporte à reserva – a que fiz menção na secção anterior deste texto – que julgo poder ser colocada à mobilização de *La Misère du monde* como ponto de referência inicial e porta de entrada de estudantes e outros iniciados no universo bourdieusiano. Na ausência de lastro teórico, de alguma experiência de investigação de terreno e de contacto anterior com o pensamento e a obra de Bourdieu, o conteúdo de *La Misère du monde* pode bem ser lido e interpretado no registo simplista (populista?) do “manifesto”, da “obra-denúncia” da “ordem neoliberal” vigente, com o seu rol de “testemunhos” que “falam por si”, recolhidos por “intelectuais engajados” que, enfim, “descem à rua” para “ouvir o povo”; ou então no registo miserabilista, quando não niilista e paralisante, que pode certamente suscitar o contacto (descontextualizado teórica e metodologicamente) com umasequência impressionante – oriunda dos mais diversos pontos do espaço social – de desventuras, desilusões e expressões de frustração e desespero.<sup>10</sup>

condução da entrevista, os efeitos da estrutura social em que ela se realiza. Como podemos querer fazer a ciência dos pressupostos sem nos dotarmos de uma ciência dos próprios pressupostos? Claramente fazendo um esforço de utilização reflexiva dos adquiridos da ciência social para controlar os efeitos da própria inquirição e promovendo um envolvimento na interrogação que seja capaz de dominar os efeitos inevitáveis da interrogação.

Bourdieu continua:

Com efeito, o sonho positivista de uma inocência epistemológica perfeita não permite ver que a diferença não está entre a ciência que opera uma construção e aquela que não o faz, mas entre aquela que o faz sem o saber e aquela que, sabendo-o, se esforça por conhecer e dominar, tão completamente quanto possível, os seus atos, inevitáveis, de construção e os efeitos que eles, também inevitavelmente, produzem (Bourdieu, 2007 [1993], pp. 1391-1392, itálicos no original).

<sup>10</sup> Muitos dos críticos do Bourdieu de *La Misère du monde* apontam a este trabalho do sociólogo francês quer a presença de um viés objetificante e miserabilista, resultante da apresentação “subteorizada” e torrencial de uma “misturada de infortúnios” (“*a mixed bag of misfortunes*”, na expressão de McRobbie, 2002), quer a “ingenuidade” (ou autocomplacência) que parece subjazer ao conteúdo, e que inspira o tom, da argumentação, explicitada precisamente no “*Comprendre*”, em torno da valia e impacto potencial da *démarche* intelectual consubstanciada no livro. Este seria, enfim, um projeto que se tomara a si mesmo em conta excessiva, recobrando o exercício de investigação sociológica de um autoelogio quase místico (estariamos, de acordo com Bourdieu, perante um exercício de tipo maiêutico, na verdade, um “exercício espiritual”, fundado numa “disposição acolhedora” configurando uma forma de “amor intelectual”...), sobrestimando o respetivo impacto na vida das pessoas entrevistadas e subestimando as formas frequentes de “imposição de problemática”, bem como as expressões de certo “profetismo” intelectual, decorrentes do teor e finalidades eminentemente políticas e de “denúncia” de que a obra efetivamente se revestira (ver, novamente, McRobbie, 2002, bem como Mayer, 1995). Num diálogo com Jacques Maître, publicado em forma escrita em 1994 e citado no final da análise crítica de *La Misère du monde* proposta por Nonna Mayer, Bourdieu apresentaria esta aparente (e, para alguns, surpreendente) mudança de perspetiva sobre a investigação baseada em entrevistas de relato de vida como uma reação transgressiva – possibilitada pela idade e pela acumulação de “peso social” – face a anos de “repressão positivista” tornada uma “espécie de masoquismo” identificado com “virtude profissional”

Devidamente considerada esta reserva, e deixada para sede especializada a discussão de outros aspetos de cariz teórico-metodológico que nesta obra possam ser classificados como dúbios ou mesmo problemáticos<sup>11</sup>, *La Misère du monde* aparece então como obra singular no conjunto da produção científica de Bourdieu, mas também como expressão das convicções epistemológicas

(Mayer, 1995, p. 369). *La Misère du monde* surge, com efeito, num momento de consagração académica e científica de Bourdieu e da sua sociologia, um momento em que a sua posição central no campo intelectual e o grau elevado de autonomia e legitimidade científica adquirido – articuladas com condições sociais e políticas marcadas pelo recrudescimento do neoliberalismo, pela intensificação da agitação social em França, pelo atavismo da esquerda e pelo “deslizamento para a direita” das tomadas de posição características do campo intelectual e mediático – possibilitam que este se autorize a intervir de forma mais explícita na esfera pública. *La Misère du monde* será, neste sentido, um produto e um catalisador desta nova orientação, “um golpe de cólera cívica” que, segundo Franceries (1994, p. 166), não pode ser compreendido fora da urgência política em que se inscreve, nem dissociado da utilização ética da sociologia reflexiva que lhe confere sentido, mas que não deixa de configurar um prolongamento claro da obra e legado de Bourdieu, uma afirmação, portanto, da “coerência política da sua sociologia da objetivação participante” (ver também, sobre esta questão, Maler, 1993, Swartz, 2003, e Corcuff, 2012). Ideia idêntica propõe Wacquant (1998, pp. 215-216, itálico no original), quando diz que toda a trajetória intelectual de Bourdieu, começando nos trabalhos de juventude realizados na Argélia colonial, é a de uma “*ciência ativista*”, impermeável ao viés ideológico, porém sintonizada com as questões sociopolíticas candentes do seu tempo e responsiva aos dilemas éticos que elas implicam”. Mayer (1995, p. 369), todavia, não prescinde de responsabilizar Bourdieu e a sua equipa pelos efeitos potencialmente nefastos que pode aportar uma abordagem “à *la Misère du monde*” conduzida por investigadores com menos “peso académico e social”:

Ma quantos estudantes não reterão [da abordagem de *La Misère du monde* e da defesa que dela faz Bourdieu] senão uma maneira de fazer sociologia menos constrangedora do que a proposta pelos manuais de metodologia? Eles não perderão o seu tempo a ler os trabalhos dos outros, a elaborar uma problemática ou hipóteses. De gravador a tiracolo, partirão à sorte, em busca das palavras dos que sofrem. Entrevistarão os seus amigos e pessoas próximas, porque é mais fácil. Conversarão com os inquiridos, tomarão o seu partido, para os pôr à vontade. Eles apresentarão ao público os testemunhos acabados de recolher, sem perder tempo a analisá-los. Privada do “imenso saber” de Pierre Bourdieu e da sua equipa, esta sociologia da miséria arrisca-se a não refletir senão a miséria da sociologia.

<sup>11</sup>Para lá das críticas de ordem geral que faz à obra e à abordagem proposta – que tentam, sobretudo, expor um Bourdieu aparentemente “convertido” a um método por si outrora liminarmente recusado (ver nota 11; ver também, sobre esta questão, a reflexão proposta por Bertaux, 2021, por ocasião do lançamento da edição portuguesa do livro *As Narrativas de Vida*) –, o texto de Mayer (1995) sobre *La Misère du monde* inclui reflexões de cariz metodológico, técnico e ético sobre o inquérito por entrevista que merecem ser consideradas. Questionamentos críticos de relevo sobre formas e conteúdos de *La Misère du monde* estão presentes em alguns outros trabalhos. Em Grunberg e Schweisguth (1996), por exemplo, podem ser encontradas uma crítica das insuficiências do tipo de entrevista proposto neste livro, quando comparado com a entrevista não diretiva “clássica”; uma reflexão sobre critérios de validade das construções teóricas elaboradas a partir dos elementos empíricos propostos; e um questionamento sobre as respetivas implicações para o quadro teórico de referência (implicações que, todavia, de acordo com os autores, Bourdieu e a sua equipa deixam por explicitar e confrontar).

e metodológicas que o sociólogo francês sempre propalou, as mesmas, aliás, que justificam a heurística, solidez e sucesso da sua sociologia e de muitas das *démarches* intelectuais e científicas a ela direta ou indiretamente associadas. Sublinho, a este propósito, e muito sucintamente, quatro pontos, apoiando-me nesta reflexão em tópicos propostos na sempre iluminadora reflexão de síntese sobre epistemologia das ciências sociais publicada, em 2007, por João Ferreira de Almeida.

O primeiro ponto refere-se ao *realismo científico* da sociologia bourdieusiana, que funda o *racionalismo aplicado* em que assentam os respetivos programas de investigação. É muito difícil não reconhecer no trabalho de investigação que resultou na publicação de *La Misère du monde* essa orientação explícita para a revelação dos padrões estabelecidos do poder e do privilégio, bem como das políticas e dos discursos que os legitimam e suportam, das categorias herdadas e da *doxa*, das formas mais ou menos subtis de dominação que quotidianamente são promovidas por tecnocratas, agentes do Estado, intelectuais e outros profissionais da representação do mundo. Esta crítica da dominação, que supõe uma explicitação e uma explicação dos processos diversos que mascaram a arbitrariedade da ordem social e a perpetuam – significando, portanto, a denúncia da “violência simbólica” (essa “imposição de sistemas de significado que legitimam e, conseqüentemente, solidificam as estruturas da desigualdade”) –, é indispensável à identificação das condições que, reunidas, possibilitarão que tais estruturas possam ser “desafiadas, transformadas ou, melhor, derrubadas” (Wacquant, 1998, p. 217).

Este propósito de apropriação dos mecanismos (a um tempo “materiais” e “simbólicos”) de funcionamento do real social – propósito que em *La Misère du monde* se transmuta numa tentativa de “refazer a história” a partir das perspectivas dos agentes, convocados a participar ativamente no esforço de determinação das condições que permitirão converter o “mal-estar social em sintomas legíveis, suscetíveis de serem tratados politicamente” (Bourdieu e Wacquant, 1992, p. 173) – não pode, porém, ser realmente concretizado senão através de um trabalho persistente e permanentemente inacabado de interrogação da – e de *confrontação com a* – realidade, trabalho que Bourdieu identifica com a trilogia bachelardiana da “conquista, construção e constatação”.<sup>12</sup>

<sup>12</sup> Wacquant (2020, p. 53, itálicos no original) caracteriza assim este “momento Bachelard” da sociologia bourdieusiana:

Romper com o senso comum (que vem em três variedades: ordinária, política e académica) para questionar categorias de análise aceites, desconstruir problemas pré-fabricados e forjar conceitos analíticos robustos, projetados pela e para a empiria, que englobam, mas também se afastam

Desta perspetiva decorre a assunção do carácter sempre *aproximativo*, necessariamente *suscetível de revisão e correção* e inevitavelmente *cumulativo* do processo de construção de conhecimento científico.<sup>13</sup> *La Misère du monde* prolongará e aprofundará o *programa de investigação* bourdieusiano sobre espaço social e dominação de, pelo menos, quatro formas: inovando nas formas de concretização do princípio do “politeísmo metodológico” tão caro a esse programa (Bourdieu e Wacquant, 1992; ver atrás neste texto); aportando a novidade contida nos elementos empíricos resultantes de mais de 180 entrevistas aprofundadas a agentes sociais os mais diversos (para o livro, foram mobilizados dados de cerca de um terço dessas conversas); promovendo a diversificação, a partir desses elementos e das reflexões que eles suscitam, dos horizontes

acentuadamente de noções populares. Esta é uma aplicação direta do imperativo da rutura e vigilância epistemológicas, o ensinamento mais importante da “epistemologia histórica”, a filosofia da ciência desenvolvida pelos mentores de Bourdieu, Gaston Bachelard e Georges Canguilhem, que Bourdieu transplantou das ciências naturais e da vida para as ciências sociais. (...) Um esclarecimento deve ser feito aqui: a rutura (“*rupture*”) epistemológica de Bachelard (a palavra é a mesma em francês e inglês) não é a *coupure* epistemológica de Althusser (quebra, corte), embora este último aparentemente derivasse a sua noção da primeira. Para Bachelard, e Bourdieu depois dele, a ciência rompe com o senso comum ao constantemente confrontar o real, não se refugiando no reino purificado de uma tautegórica “prática teórica” (...). Além disso, a rutura é uma atividade prática reiterada sem fim, levada a cabo através de uma concatenação fundamentada de operações de pesquisa técnica (elaboração concetual, seleção de local ou arquivo, desenho de questionário, codificação, etc.), não um ato mental inaugural ou pivô histórico em que a ciência se separa para sempre da ideologia, de repente e magicamente (...).

<sup>13</sup> Cf. a seguinte afirmação:

O conhecimento é sempre aproximado, falível e, por isso mesmo, susceptível de contínuas correções. Uma justificação pode parecer teoricamente boa num certo momento – e constituir conhecimento – até aparecer um conhecimento melhor. É isso mesmo que dá substância à historicidade da ciência. Ela remete para a evolução, com as suas descontinuidades, do estado natural das diversas disciplinas, mas também, como é evidente, do corpo de resultados que constitui o respectivo saber, provisoriamente consolidado. O que define a ciência não será então a ilusória obtenção de verdades definitivas. Ela será antes definível pela prevalência da utilização, por parte dos seus praticantes, de instrumentalidades que o campo científico forjou e tornou disponíveis, instrumentalidades que põem em acção o seu “ofício”, na perseguição constante de novos conhecimentos específicos. Ou seja, cada progressão no conhecimento que mostre o carácter erróneo ou insuficiente de conhecimentos anteriores não remete estes últimos para as trevas exteriores de não ciência, mas apenas para o estádio de conhecimentos científicos histo-ricamente ultrapassados (Almeida, 2007, p. 13).

Esta é, *grosso modo*, a lógica que preside à proposta encapsulada na noção de “programa de investigação científica” avançada por Lakatos (1999). Trata-se de um posicionamento que Bourdieu diria contrariar tanto a “tentação normativa idealizadora da prática científica” inerente ao “dogmatismo logicista”, quanto a dissolução da diferenciação entre “*logos*” e “*doxa*”, entre conhecimento e opinião, característica da lógica do “tudo vale” ou “tudo se equivale” do “relativismo niilista” pós-moderno (Almeida, 2007, p. 14).

de indagação que podem associar-se e prolongar o programa em causa (ver à frente neste texto); e favorecendo a revisão e afinação de conceitos teóricos e operativos (como “violência simbólica”, mas também “contradominação simbólica” ou “resistência à objetivação”, “(miséria de) condição” e “(miséria de) posição”, “capital simbólico (negativo)” e “estigmatização”, “violência institucional” e “má-fé da instituição”, “duplo laço” e “duplo constrangimento”, para mencionar apenas um punhado deles).

O trabalho de investigação na origem de *La Misère du monde* – este é o terceiro ponto a focar nesta secção do texto – remete também para a imprescindibilidade da *reflexividade epistémica*: desenvolvida não apenas no sentido mais estrito da adequada seleção, monitorização e controlo, *in vivo*, das instrumentalidades metodológicas e técnicas da pesquisa, mas configurada enquanto atitude e exercício de vigilância permanente apontada quer à dimensão *interna*, quer à dimensão *externa* da epistemologia sociológica. Em diversos artigos de *La Misère du monde* – com inevitável destaque para o já várias vezes mencionado “*Comprendre*” –, é possível divisar o esforço, constitutivo de uma “epistemologia interna”, de objetivação das condições teóricas e metodológicas, das oportunidades, recursos, “pontos cegos” e vieses que determinam as possibilidades e os limites da exploração deste ou daquele assunto, bem como a concretização de uma “epistemologia externa” em que os recursos da sociologia são colocados ao serviço da análise das condições sociais de produção do conhecimento sociológico, das interferências e limitações impostas por fatores contextuais – num quadro de crescente pressão política e económica sobre os campos académico e científico –, mas também das formas de “racionalizar e de algum modo *radicalizar*” a “reflexividade espontânea”, como diria José Madureira Pinto, que os cientistas partilham (ver Almeida, 2007, pp. 14-16, e Pinto, 2007, pp. 50-57; ver também, sobre este assunto, Bourdieu, 2001b).

*La Misère du monde* é, finalmente, um exemplo (mais um) da força, vitalidade e heurística que a investigação sociológica adquire sempre que assenta no *trabalho coletivo e pluridisciplinar* – mas também no desenvolvimento de formas renovadas de *abertura e relacionamento com a sociedade*. “Obra de conjuntura”, certamente – quer pela resposta que pretendeu proporcionar a “questões sociais” candentes, quer pela mudança que representou no posicionamento de Bourdieu em face do sempre instável (e ingrato) binómio “autonomia-engajamento” (ver Maler, 1993, e Wacquant, 1998) –, *La Misère du monde* abriu, ainda assim, caminho perene a formas novas de concretização da sociologia (de inspiração) bourdieusiana. Buscando apoio em Almeida (2007, pp. 19 e

seguintes) – que, por seu turno, o recolhe em trabalhos publicados no início do século XXI por Nowotny, Scott e Gibbons (2001; 2003) –, talvez possa arriscar-se a ideia de que *La Misère du monde* criou condições favoráveis ao desenvolvimento de uma espécie de “modo-2” de fazer sociologia na senda do projeto científico de Bourdieu. Em função da sua ampla disseminação e discussão, dos *feedbacks* muito diversificados que suscitou junto de atores académicos e não-académicos, das suas implicações políticas, da inspiração que constituiu para tantos e tantos trabalhos subsequentes, dentro e fora das ciências sociais, *La Misère du monde* terá contribuído para conferir espaço à consolidação de uma prática sociológica que haverá de permanecer fiável e cientificamente robusta, porque alicerçada num sólido arcaboiço teórico e nos princípios epistemológicos e metodológicos de sempre, mas que quererá ser também “socialmente robusta”, comunicando mais facilmente através das fronteiras institucionais, negociando o seu papel e estatuto num quadro de diálogo interdisciplinar reforçado, considerando as novas formas de escrutínio a que é sujeita, produzindo conhecimento nos próprios contextos de aplicação e em diálogo e articulação com as demandas locais (também elas mais explícitas e assertivas), intensificando as formas de envolvimento e a interação entre os diversos produtores do conhecimento (que passam a incluir atores não-académicos de cariz diverso).<sup>14</sup>

## Um *menu* de programas de pesquisa

Para lá de todos os elementos empíricos e pistas teórico-analíticas que oferecem, os textos das diferentes secções de *La Misère du monde* configuram, finalmente, um amplo repositório de sugestões de trabalho e programas de pesquisa, que podem ser prosseguidos ora para testar a “progressividade” do programa de investigação mais geral que a sociologia de Bourdieu constitui, ora para criar e

<sup>14</sup> Almeida (2007, p. 20) acrescenta:

O modo-2 é transdisciplinar, distinguindo-se das anteriores tentativas embrionárias de meras justaposições disciplinares. Procura-se, desde o início, chegar a formas e perspectivas integradas, logo na formulação dos problemas de pesquisa e depois nos procedimentos partilhados para encontrar soluções. Novos e diversificados actores – alguns deles não-cientistas – trazem as suas perspectivas próprias e heterogéneas para as estruturas de trabalho. Estas são desejavelmente mais fluidas, com hierarquias menos pronunciadas. A prestação de contas envolve não apenas a avaliação da excelência científica dos produtos, mas também do seu “valor societal”, por resultado das interpelações múltiplas que chegam e se fazem ouvir a partir do exterior do campo científico.

alimentar eixos de exploração teórico-empírica novos no seio de programas de investigação de distinta tradição e feição.

Considerando o conjunto dos exercícios investigativos em que tive oportunidade de me envolver diretamente depois da primeira leitura de *La Misère du monde*, em 2008, consigo identificar pelo menos cinco horizontes de indagação sociológica cuja delimitação recolheu inspiração – ou tem até correspondência direta – em noções e conteúdos incluídos na obra coordenada por Pierre Bourdieu e publicada originalmente em 1993.

A secção de *La Misère du monde* introduzida pelo texto “*Effets de lieu*” – e esse artigo, muito em especial – assumiu, sem dúvida, um papel determinante na consolidação da prioridade que a dada altura conferi ao estudo da experiência vivida da relegação socioespacial e da estigmatização territorial. Mas o estudo aprofundado de alguns dos contextos (passados e presentes) mais notoriamente marginalizados e difamados da cidade do Porto, em que me envolvi a partir de 2008, não quis limitar-se a evidenciar e documentar as consequências que produzem, nesses lugares e nos indivíduos que os habitam, a confluência, concentração e acumulação de “misérias” (a anomia, a desvitalização e despacificação do espaço público, a conflitualidade intercultural e interidentitária, o fechamento sofrido no reduto doméstico...); para lá da elaboração de tais relatos, o que *La Misère du monde* e o que os seus prolongadores e críticos me instigaram a fazer foi também a reconstituição socio-histórica e sociológica das condições e oportunidades de resistência, refração, subversão, organização e “voz” que podem ser encontradas mesmo nos contextos sociais e urbanos mais pauperizados e desprestigiados (Pereira e Queirós, 2014; Pinto e Queirós, 2010d; Queirós, 2019a; 2019b; 2020; 2022; Queirós e Pereira, 2018).<sup>15</sup>

Em estreita articulação com este horizonte de indagação sociológica tem estado aquele que se apoia no conjunto de artigos introduzido pelo texto “*La démission de l’État*”, também de autoria singular de Pierre Bourdieu, e que tem visado o estabelecimento de uma crítica – construída a partir do estudo

<sup>15</sup> Podendo admitir-se que a noção de “efeitos de lugar” aparece insuficientemente desenvolvida do ponto de vista teórico e escassamente ilustrada do ponto de vista empírico no texto que Bourdieu lhe dedica em *La Misère du monde*, não deixa de ser surpreendente a quantidade de trabalhos que, na senda da proposição original do sociólogo francês, lhe procurou dar substância, especificando-a analítica e empiricamente. Num livro que tive oportunidade de ajudar a traduzir e editar em Portugal, Wacquant (2023) encarrega-se de listar e discutir estas numerosas contribuições, desse modo contribuindo para evidenciar o potencial de interpelação, renovação e robustecimento do campo alargado e plural dos “estudos urbanos” que a sociologia bourdieusiana contém.

do dia-a-dia das instâncias que constituem o “rés-do-chão” do Estado – das insuficiências, ineficiências e até dos “efeitos perversos” das políticas públicas e das modalidades de atuação que estas preconizam e efetivamente realizam. Procurando configurar-se enquanto crítica do “neoliberalismo realmente existente” (Peck *et al.*, 2018), esta linha de pesquisa não tem deixado de procurar perspetivar as possibilidades e caminhos de uma ação estatal renovada, robustecida e reparadora (Queirós, 2015; 2016; Queirós e Oliveira, 2023).

O estudo do “rés-do-chão” do Estado que os textos que sucedem a *“La démission de l’État”* inspiram têm encontrado prolongamento e especificação na interrogação e problematização das condições, estratégias, tomadas de posição e práticas quotidianas de profissionais da intervenção social e educativa. Tantas vezes pressionadas por injunções contraditórias – as que provêm da burocracia do Estado, exacerbadas ou mitigadas pelas políticas e lógicas de funcionamento das organizações empregadoras, e as que lhes chegam do “terreno”, essas certamente exacerbadas pelos efeitos de uma ordem económica e social injusta –, estas profissionais constituem excelentes “analísadoras práticas”, como diria o próprio Bourdieu,<sup>16</sup> oferecendo acesso, através dos relatos das suas experiências quotidianas, não apenas às “misérias de condição” relativamente às quais são chamadas a intervir (ou acudir) e às “misérias de posição” que decorrem das condições por vezes muito duras em que são exercidas as suas atividades, mas também aos espaços de manobra conquistados, às estratégias e práticas bem concebidas e estruturadas, às inovações introduzidas e aos sucessos alcançados (por pequenos que possam parecer) em momentos e contextos concretos (Queirós, 2010; 2012a).

Duas outras preocupações de investigação que refletem a inspiração e atestam o vigor e a heurística de muitos dos conteúdos de *La Misère du monde* são as que tenho procurado dedicar ao estudo situado das estratégias de reprodução

<sup>16</sup> Apesar de surgir descrita no artigo *“Les contradictions de l’héritage”*, que Bourdieu dedica à figura do “herdeiro”, a noção aplica-se também às trabalhadoras sociais, como, aliás, o autor faz questão de destacar em nota de rodapé: É o que faz com que, através do relato das dificuldades mais “pessoais”, das tensões e das contradições em aparência mais estritamente subjetivas, se exprimam as estruturas mais profundas do mundo social e as suas contradições. Tal nunca é tão visível como no caso dos ocupantes de posições balanceantes [*en porte-à-faux*], que são extraordinários “analísadores práticos”: situados em pontos onde as estruturas sociais “trabalham” e trabalhados por esse facto pelas contradições destas estruturas, eles são constrangidos, para viver ou sobreviver, a praticar uma forma de autoanálise que dá acesso, muito frequentemente, às contradições objetivas que os possuem e às estruturas objetivas por elas expressas (Bourdieu, 2007 [1993], pp. 1099-1100; ver também, na p. 1100, a nota 6).

social de indivíduos e grupos de meios populares em “crise” e à exploração dos motivos, contornos e efeitos – àquelas hoje intimamente associados – da crescente adesão das famílias às promessas da escolarização, num quadro de progressiva democratização do acesso e de prolongamento (“massificação”) das trajetórias escolares (Pinto e Queirós, 2010b; 2010c; 2021; Queirós, 2012b; 2017; 2019a; Queirós e Monteiro, 2016; 2019; Rothes e Queirós, 2023). Nestes casos, os textos incluídos na secção “*Déclins*” de *La Misère du monde*, bem como os textos incluídos na secção seguinte, que abre com o artigo “*Les exclus de l'intérieur*”, da autoria de Pierre Bourdieu e Patrick Champagne, constituem importantes fontes de pistas teórico-analíticas e de ilustrações empíricas sobre tópicos como transformações do mundo do trabalho, condições de emprego e precariedade; crise económica, desemprego e inatividade; desafios da representação sindical e política das classes trabalhadoras; transformações da ruralidade e declínio da agricultura e do mundo camponês; pobreza e segregação urbana; relações com a escola, a escolarização e o futuro; entre vários outros. São assuntos a que pretendo continuar a dedicar-me e que, portanto, inevitavelmente imporão que mantenha *La Misère du monde* onde este livro tem estado nos últimos anos – ou seja, fora da estante.

## Referências bibliográficas

- Almeida, J. F. (1986). *Classes Sociais nos Campos. Camponeses parciais numa região do Noroeste*. Oeiras: Celta Editora.
- Almeida, J. F. (2007). Velhos e novos aspectos da epistemologia das ciências sociais. *Sociologia – Problemas e Práticas*, n.º 55, 11-24.
- Almeida, J. F., & Pereira, V. B. (Org.) (2021). *Ir e Voltar. Sociologia de uma colectividade local do Noroeste Português (1977-2007) – Volume 2*. Porto: Edições Afrontamento.
- Bertaux, D. (2021). *As Narrativas de Vida*. Lisboa: Editora Mundos Sociais.
- Bourdieu, P. (2001a). *Razões Práticas – Sobre a teoria da ação*. Oeiras: Celta Editora.
- Bourdieu, P. (2001b). *Science de la science et réflexivité*. Paris: Éditions Raisons d'agir.
- Bourdieu, P. (2004). “*Si le monde social m'est supportable, c'est parce que je peux m'indigner*”. *Entretien avec Antoine Spire*. Paris: Éditions de l'Aube.
- Bourdieu, P. (Dir.) (2007 [1993]). *La Misère du monde*. Paris: Éditions du Seuil.
- Bourdieu, P., & Wacquant, L. (1992). *Réponses. Pour une anthropologie réflexive*. Paris: Éditions du Seuil.
- Corcuff, Ph. (2012). Respect critique. *Sciences Humaines*, Hors-série spécial n.º 15, 64-71.
- Francerias, F. (1994). P. Bourdieu, dir., *La misère du monde*. *Politix*, vol. 7, n.º 25, 160-166.

- Grunberg, G., & Schweisguth, É. (1996). Bourdieu et la misère. Une approche réductionniste. *Revue française de science politique*, vol. 46, n.º 1, 134-155.
- Lakatos, I. (1999). *Falsificação e Metodologia dos Programas de Investigação Científica*. Lisboa: Edições 70.
- Maler, H. (1993). À propos de la "Misère du monde": Politique de la sociologie. *Futur Antérieur*, n.º 19-20 (1993/5-6).
- Mayer, N. (1995). L'entretien selon Pierre Bourdieu. Analyse critique de *La misère du monde*. *Revue française de sociologie*, vol. 36, n.º 2, 355-370.
- McRobbie, A. (2002). A Mixed Bag of Misfortunes? Bourdieu's *Weight of the World*. *Theory, Culture & Society*, vol. 19, n.º 3, 129-138.
- Nowotny, H., Scott P., & Gibbons, M. (2001). *Re-Thinking Science. Knowledge and the Public in an Age of Uncertainty*. Cambridge: Polity Press.
- Nowotny, H., Scott P., & Gibbons, M. (2003). Mode 2 Revisited: The New Production of Knowledge. *Minerva*, n.º 41, 179-194.
- Peck, J. et al. (2018). Actually existing neoliberalism. In D. Cahill et al. (Ed.). *The Sage Handbook of Neoliberalism* (pp. 1-15). London: Sage.
- Pereira, V. B., & Queirós, J. (2009). Estado, Alojamento e a "Questão Social": elementos para a compreensão sociológica da formação da respectiva relação no Porto contemporâneo. *Argumentos de Razón Técnica. Revista Española de Ciencia, Tecnología y Sociedad, y Filosofía de la Tecnología*, n.º 2 (Serie Especial), 113-128.
- Pereira, V. B., & Queirós, J. (2012). State, housing and the "social question" in the city of Porto (1956-2006): an analysis on the making of doxa, orthodoxy and "alodoxia effects" in the (re) production of state housing policies. *Social Sciences – Annual Trilingual Review of Social Research*, n.º 1, 203-214.
- Pereira, V. B., & Queirós, J. (2014). "It's Not a Bairro, Is it?". Subsistence Sociability and Focused Avoidance in a Public Housing Estate. *Environment and Planning A*, vol. 46, n.º 6, 1297-1316.
- Pinto, J. M. (1985). *Estruturas Sociais e Práticas Simbólico-Ideológicas nos Campos. Elementos de teoria e de pesquisa empírica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Pinto, J. M. (2007). *Indagação Científica, Aprendizagens Escolares, Reflexividade Social*. Porto: Edições Afrontamento.
- Pinto, J. M., & Queirós, J. (2008). Estruturas produtivas, escolarização e desenvolvimento no Vale do Sousa. Análise da reprodução da condição social periférica numa região metropolitana portuguesa. *Cadernos de Ciências Sociais*, n.º 25-26, 309-355.
- Pinto, J. M., & Queirós, J. (Org.) (2010a). *Ir e Voltar. Sociologia de uma colectividade local do Noroeste Português (1977-2007) – Volume 1*. Porto: Edições Afrontamento.
- Pinto, J. M., & Queirós, J. (2010b). Com um velho agricultor fontarcadense. In J. M. Pinto & J. Queirós (Org.). *Ir e Voltar. Sociologia de uma colectividade local do Noroeste Português (1977-2007) – Volume 1* (pp. 225-230). Porto: Edições Afrontamento.
- Pinto, J. M., & Queirós, J. (2010c). Relação com a escola e modelo de desenvolvimento. In J. M. Pinto & J. Queirós (Org.). *Ir e Voltar. Sociologia de uma colectividade local do Noroeste Português (1977-2007) – Volume 1* (pp. 275-318). Porto: Edições Afrontamento.
- Pinto, J. M., & Queirós, J. (2010d). O peso do lugar. Mudança e reprodução social em Fonte Arcada. In J. M. Pinto & J. Queirós (Org.). *Ir e Voltar. Sociologia de uma colectividade local do Noroeste Português (1977-2007) – Volume 1* (pp. 367-377). Porto: Edições Afrontamento.
- Pinto, J. M., & Queirós, J. (2021). Mudança social e relação com a escola e a escolarização em Fonte Arcada. In J. F. Almeida & V. B. Pereira (Org.). *Ir e Voltar. Sociologia de uma colectividade local do Noroeste Português (1977-2007) – Volume 2* (pp. 251-270). Porto: Edições Afrontamento.

Pinto, J. M., Wacquant, L., & Pereira, V. B. (2007). Gênese e legado da obra de Pierre Bourdieu: espaço, cultura e dominação. *Cadernos de Ciências Sociais*, 24, 5-7.

Queirós, J. (2010). Precarização e formas de enquadramento das classes populares. O contributo paradoxal do Estado e das instituições sociais para a desestabilização do mercado de trabalho e a necessidade de aprofundamento da reflexividade institucional. In AAVV. *Actas do Seminário "Combater a reprodução intergeracional da pobreza e da exclusão: que intervenções?"*. Matosinhos: Centro de Investigação em Ciências do Serviço Social/Instituto Superior de Serviço Social do Porto.

Queirós, J. (2012a). Dinâmicas recentes da relação das famílias com a escola em contextos urbanos material e simbolicamente depreciados: relato de uma aproximação, no terreno, ao ponto de vista dos professores. *Sensos*, vol. II, n.º 1, 59-78.

Queirós, J. (2012b). Dinâmicas recentes do desemprego e evolução das "respostas à crise" no Vale do Ave. Uma análise territorializada do alcance e implicações das "políticas ativas de formação e emprego". In V. B. Pereira (Coord.). *Ao Cair do Pano. Sobre a formação do quotidiano num contexto (des)industrializado do Vale do Ave* (pp. 218-282). Porto: Edições Afrontamento/ADRAVE/Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura.

Queirós, J. (2015). *No Centro, à Margem. Sociologia das intervenções urbanísticas e habitacionais do Estado no centro histórico do Porto*. Porto: Edições Afrontamento.

Queirós, J. (2016). Políticas de reabilitação urbana e recomposição do tecido social no centro histórico do Porto: representações e discursos de moradores sobre a respetiva evolução recente. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, vol. 31, 29-58.

Queirós, J. (2017). A disappearing world: the ever-expanding "frontier of gentrification" through the eyes of Porto's historic centre long-time residents. In A. Albet & N. Benach (Ed.). *Gentrification as a Global Strategy. Neil Smith and Beyond* (pp. 197-209). London: Routledge.

Queirós, J. (2019a). *Aleixo. Gênese, (des)estruturação e desaparecimento de um bairro do Porto [1969-2019]*. Porto: Edições Afrontamento.

Queirós, J. (2019b). L'expérience réitérée de la relégation urbaine: compte-rendu d'une enquête sociologique dans un "quartier social" menacé de démolition. In V. B. Pereira & Y. Siblot (Org.). *Classes sociales et politique au Portugal. Pratiques du métier de sociologue* (pp. 225-247). Bellecombe-en-Bauges: Éditions du Croquant.

Queirós, J. (2020). Descivilizar, demonizar, desmobilizar, demolir: cidade e movimento urbano brevemente perspetivados a partir do Bairro do Aleixo, no Porto. In M. C. Silva et al. (Org.). *Espaço Urbano e Habitação Básica como Primeiro Direito* (pp. 159-186). Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus.

Queirós, J. (2022). Efeitos de lugar, (in)ação do Estado e dissolução da vida comunitária num bairro do Porto. *Configurações*, n.º 29-1, 15-38.

Queirós, J., & Monteiro, B. (2016). *Trabalhos em Curso. Etnografia de operários portugueses da construção civil em Espanha*. Porto: Deriva.

Queirós, J., & Monteiro, B. (2019). Entre ici et là-bas. Notes de recherche sur l'émigration vers l'Espagne d'ouvriers portugais du bâtiment. In V. B. Pereira & Y. Siblot (Org.). *Classes sociales et politique au Portugal. Pratiques du métier de sociologue* (pp. 155-189). Bellecombe-en-Bauges: Éditions du Croquant.

Queirós, J., & Oliveira, M. J. (2023). Intervenção comunitária e desenvolvimento metropolitano: propostas renovadas, princípios de sempre – um dossiê. *Cadernos IS-UP*, n.º 4, pp. 8-11.

Queirós, J., & Pereira, V. B. (2018). Voices in the revolution: Resisting territorial stigma and social relegation in Porto's historic centre (1974-1976). *The Sociological Review*, vol. 66, n.º 4, pp. 857-876.

Rothes, L., & Queirós, J. (2023). Desigualdades sociais, posse e uso de competências e participação educativa de pessoas adultas: uma leitura das respetivas relações a partir dos resultados do PIAAC. *Sensos-E*, vol. 10, n.º 1, pp. 82-90.

Swartz, D. L. (2003). From critical sociology to public intellectual: Pierre Bourdieu and politics. *Theory and Society*, n.º 32, pp. 791-823.

Touraine, A. (2012). Le sociologue du peuple. *Sciences Humaines*, Hors-série spécial n.º 15, pp. 101-103.

Wacquant, L. (1998). Pierre Bourdieu. In R. Stones (Ed.), *Key Sociological Thinkers* (pp. 215-230). London: Macmillan Publishers.

Wacquant, L. (2020). Quatro princípios transversais para mobilizar Bourdieu na pesquisa. In V. B. Pereira (Org.), *Em (Re)Construção. Elementos para uma sociologia da atividade na indústria da construção em Portugal* (pp. 51-66). Porto: FLUP.

Wacquant, L. (2023). *Bourdieu na Cidade – Desafios à Teoria Urbana*. Lisboa: Outro Modo.

